

## ABC DE CASTRO ALVES DE JORGE AMADO: A INTENSIFICAÇÃO DAS MEDIações COM O CAMPO COMUNISTA

MATHEUS DE MESQUITA E PONTES\*<sup>1</sup>

### *Considerações preliminares:*

Após a Intentona de maio de 1938 dos integralistas, o Partido Comunista do Brasil (PCB) saudou a ala liberal do governo de Getúlio Vargas, encabeçada por Osvaldo Aranha então Ministro das Relações Exteriores, pelo combate firme ao agrupamento fascista que anteriormente apoiava o governo e sua política anticomunista advinda da Constituição de 1937. Em notas emitidas pelos dirigentes da agremiação, a *La Correspondance Internationale*, no ano do mencionado evento, os comunistas demonstravam certa crença na possibilidade da presidência da república afastar-se definitivamente do campo fascista internacional. Após o evento Otávio Brandão anunciava:

*Os chefes integralistas, agentes de Hitler e de Mussolini, acabam de desencadear um putsch fascista no Rio de Janeiro. O exército, sustentado pelo povo, esmagou o putsch. O governo de Vargas toma novas medidas contra o fascismo (BRANDÃO, 1982: 212).*

Naquele mesmo ano o PCB aproveitava o fato para pressionar o governo na continuidade do combate ao fascismo/integralismo, em prol da anistia aos antifascistas – entenda-se os membros da Aliança Nacional Libertadora (ANL) e PCB envolvidos nos levantes de 1935 –, além de uma série de demandas populares e doutras ligadas à soberania nacional, vinculadas ao seu programa e à agitação no plano político.

*[...] exclusão, do aparelho administrativo, dos traidores da pátria, fascistas e outros; liberdade de ação para os defensores da democracia e independência nacional; anistia para todos os antifascistas condenados, presos e em fuga; orientação democrática da política interna e externa; criação da indústria pesada e metalúrgica nacional; solução dos problemas da alta do custo de vida e da crise econômica; supressão dos lucros vergonhosos e da usura; instituição do salário mínimo e de outras leis que respondam aos interesses e aos desejos do povo (MONTEIRO, 1982: 219).*

---

\*Professor do Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT) e doutorando em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG).

Internamente no seio de sua vanguarda partidária e dentre alguns interlocutores específicos, o PCB não rejeitava a possibilidade de uma futura aliança de “Unidade Nacional” com Getúlio Vargas, desde que o chefe do executivo combatesse o fascismo e o imperialismo no plano interno e externo.

Com o advento da Segunda Grande Guerra e a manutenção das relações diplomáticas e econômicas do Brasil com a Alemanha e a Itália, o PCB volta novamente a atacar o governo, ao apontar que “o caminho que conduz o Brasil à guerra está sendo trilhado, arrastado, pelos interesses inconfessáveis dos homens do ‘Estado Novo’” (PCB, abril de 1940). A princípio, sem o envolvimento da URSS no conflito bélico – prevalecendo o pacto “Molotov-Ribbentrop” (agosto de 1939) de não agressão entre alemães e soviéticos –, o PCB lança a defesa da neutralidade do Brasil na guerra entre as potências imperialistas, porém, sem renunciar a bandeira política da “União Nacional” antifascista e anti-imperialista. No manifesto em alusão ao Dia do Trabalhador, em 1940, o PCB inicia o panfleto pela: “União Nacional contra o Imperialismo e a guerra! União Nacional contra a crise e a miséria! União Nacional pela Constituição Democrática!” (PCB, abril de 1940), e ataca a Vargas e ao Estado Novo:

*A guerra imperialista que ensangüenta o mundo e a odiosa tutela estrangeira imposta pela ditadura do “estado novo” tornam cada vez mais pesado o fardo que os brasileiros têm que carregar [...].*

*É para a guerra, brasileiros, que nos quer levar esse governo que vende aos países beligerantes, a preços vis, produtos de consumo diário do povo, que por sua vez é obrigado a pagar preços cada vez mais altos (PCB: abr. 1940).*

Com a invasão alemã à URSS e a entrada dos soviéticos na guerra em 1941, o PCB muda sua política de “Unidade Nacional” defendendo que o Brasil se adentrasse pelo conflito ao lado das “nações democráticas”, priorizando a retórica antifascista e secundarizando o apelo anti-imperialista. Em síntese, desde o fracasso da insurreição de 1935 e sua consequente repressão, a agremiação sempre optou pela tática da construção de uma frente ampla que aglutinasse sob sua orientação, militares vinculados ao tenentismo, intelectuais, políticos e personalidades liberais, sindicatos de trabalhadores, dentre outros, desde que fossem antifascistas e defensores da soberania nacional. Com a ameaça da derrota soviética pelos nazistas, o PCB novamente se dispõe a política da “Unidade Nacional” com Vargas desde que

seu governo declare guerra às nações do Eixo e anistie os antifascistas presos, exilados e perseguidos pelo regime estadonovista.

Com sua produção literária perseguida pela ditadura, Jorge Amado aceitou ser agente da difusão da política dos comunistas no apelo pela reconstrução de uma frente antifascista. As biografias escritas pelo romancista baiano, do poeta Castro Alves e de Luiz Carlos Prestes – líder tenentista e dos comunistas brasileiros orientados por Moscou –, que naquele momento encontrava-se preso, tinham o intuito de mobilizar dois campos sociais estratégicos na governança do Estado Novo para o polo antifascista: os intelectuais e os militares.

A biografia do poeta dos escravos, o *ABC de Castro Alves* (1941), escrita antes da URSS declarar guerra às potências do Eixo, destinava-se a influenciar os intelectuais em defesa da soberania nacional, no intuito destes, pressionarem o governo Vargas por posturas antifascistas, já que parcela expressiva do campo social sustentava a política de propaganda da máquina estatal e ocupava cargos públicos, por mais que ocorresse dura repressão e limitação da expressão artística e cultural por intermédio do Departamento de Imprensa e Propaganda.

Escrita posteriormente à inserção da URSS na guerra e da ruptura do governo de Getúlio Vargas com a Alemanha, a biografia de Prestes (1942) é parte de uma ampla campanha pela anistia e pela declaração de guerra do Estado brasileiro às potências do Eixo. Nesse sentido, a trajetória do “Cavaleiro da Esperança” é focada no seu passado militar/tenentista enquanto líder da “Coluna Invicta”, inclusive dando visibilidade a um conjunto de antigos companheiros de jornada que lutaram ao lado de Prestes e que compuseram posteriormente o governo varguista. No texto biográfico percebe-se uma supervalorização do exército brasileiro como o guardião das causas mais nobres da sociedade brasileira: a luta contra a escravidão e o despotismo do Império em prol da causa republicana, o combate à imoralidade oligárquica da República dos coronéis e a defesa pela soberania nacional.

A escrita de biografias era uma novidade no repertório literário de Jorge Amado, por mais que alguns romances, como *Cacau* e *Jubiabá* possam ser interpretados como biografias de personagens fictícios. Todavia, para evitar polêmicas na caracterização dos textos que narram as trajetórias de Castro Alves e de Prestes, o escritor sugeriu tratá-las como louvação

ao invés de biografia, já que: “Não sei se será uma história que te vou contar. Talvez seja uma louvação” (AMADO, 1971: 13).

Na segunda nota introdutória do *ABC de Castro Alves*, percebe-se que Amado almejava esquivar-se da cobrança dos seus leitores em querer aproximar os textos enquanto gênero histórico, ao escrever que: “Talvez também o rigor histórico sofra um bocado nas minhas tôscas mãos de romancista. Que se danem os historiadores!” (AMADO, 1971: 13). A reivindicação do distanciamento com o método dos historiadores não significou o abandono da verdade para o conteúdo dos fatos e da descrição moral dos seus biografados, pois em ambas as biografias, permanentemente o escritor fez questão de apontar suas fontes escritas e orais.

A verdade biográfica tornou essencial para a tática da credibilidade na exaltação, já que o intuito do escritor era de apontar aos seus leitores modelos exemplares que servissem de balizamento para as ações necessárias naqueles anos de incerteza e de guerra. Para além da comprovação da verdade, sustentada nas fontes, Amado também se utilizava da narrativa linear, indo da genealogia familiar à ligação com o contexto histórico vivido pelos biografados, como também a seleção de fatos individuais e sociais que moldavam a caracterização dos seus protagonistas<sup>2</sup>, segundo os seus interesses e do(s) grupo(s) envolvidos na mediação social, métodos comuns aos dos historiadores ou de outros cientistas sociais.

O historiador Peter Gay (1999: 187), nos coloca que a evocação de biografias destinada à construção de heróis, emerge constantemente em épocas de crise social e detém o traço de guia pedagógico, isto é, a biografia possui o intuito de apontar boas atitudes do biografado para o controle de hábitos nocivos que possam corromper o leitor. Preocupado com a época vitoriana britânica (século XIX), Gay (1999) afirma que as biografias foi um gênero literário impulsionado para difundir o modelo de vida burguês – seja dentro ou fora da Inglaterra –, com público leitor superior aos textos historiográficos, que exigiam (em) maior identidade profissional e critério científico. A historiadora brasileira, Vavy Pacheco Borges, aproxima-se das considerações de Gay, mas nos aponta que o gênero biográfico nasceu na Grécia antiga – *bios*=vida e *graphein*=escrever – e possui parentesco temporal e metodológico próximo ao do labor histórico. Aproximando-se do teórico francês François Dosse, Borges

---

<sup>2</sup> Pode-se afirmar que Jorge Amado chegou também a sofrer – semelhante aos historiadores – com a “ilusão biográfica”, anunciada por Pierre Bourdieu (1996), em que o escritor por “ingenuidade” procura uma trajetória coerente e contínua, sem lacunas, para dar um efeito de veracidade e sinceridade ao texto, o que para o sociólogo não passaria da invenção de um discurso que corresponde aos interesses do autor e seus agrupamentos sociais.

(2005: 207) afirma que as biografias destinam-se em boa medida a transmitir modelos e valores, como também a ilustrar uma determinada realidade histórica, interligando o indivíduo com o contexto social, sendo que na condição escriturária é um gênero aberto às relações com outras disciplinas, tornando-o híbrido e com certa carga de complexidade interpretativa<sup>3</sup>.

A escrita das biografias de 1941 e 1942 demonstra a habilidade de Amado em produzir novas formas textuais, por mais que a veia romanceada da prosa poética presente em *Mar Morto* e *Capitães da Areia* permaneçam. Também o fator das biografias serem narradas a uma “amiga” leitora, constantemente evocada no texto, remete à ideia que as tramas e heroísmos descritos devam ser replicados oralmente a outras amigas e amigos, aproximando-se das experiências dos contadores de histórias de literatura de cordel e dos leitores coletivos.

No plano político-literário simbolizou sua evolução nos compromissos assumidos com o campo comunista, alarmados com a repressão interna e com o avanço do poderio fascista pelo mundo. São textos bastante engajados – não militantes em sua plenitude –, que resguardam um grau de autonomia ao escritor, por serem destinados à lógica frentista – que devia aglutinar elementos não comunistas – e graças às limitações da agremiação, praticamente dissolvida pela repressão do Estado brasileiro.

### ***A biografia de Castro Alves: enredo e táticas***

Seus companheiros da Academia dos Rebeldes, Pinheiro Viegas e Edson Carneiro, já haviam escrito textos sobre a trajetória de Castro Alves. Carneiro a menos de cinco anos – em 1937 – publicava pela concorrida Livraria José Olímpio, *Castro Alves: ensaio de compreensão*. Naqueles primeiros anos de uma nova grande guerra e de regime ditatorial no plano nacional, Jorge Amado retoma a biografia do seu poeta conterrâneo no intuito de exaltá-lo e apresentá-lo como escritor pioneiro no compromisso literário com as grandes demandas reivindicatórias e libertadoras do povo brasileiro. Para diferenciar da produção dos seus amigos de juventude, Amado não apelou para a crítica ensaística, mas sim para escrita de um gênero híbrido – como aponta a intérprete literária Maria Heloísa Martins Dias (2013: 66) –, utilizou-se de dados verídicos e várias notas informativas do passado de seu biografado e do seu tempo presente, para agregar legitimação histórica; apropriou-se da ficcionalidade e da

---

<sup>3</sup> Borges (2005: 217), no início do século XXI, também observa que as biografias são bastante consumidas pelos leitores brasileiros, chegando a concorrer com a literatura de “autoajuda” – campeã de vendas. Contudo, a escrita de biografias não é proporcionada em maioria pelos historiadores ou romancistas, mas sim por jornalistas ou outros intelectuais, esquivando-se normalmente do aspecto acadêmico.

apresentação/valorização de várias poesias de Castro Alves, para reafirmar o apelo literário e social; e, o biógrafo, fez uso do tom lírico e confessional para demonstrar seu pleno alinhamento com o biografado. Em síntese construiu uma espécie de “biografia romanceada”.

Para apresentar o poeta dos escravos e da causa republicana, Amado remontou a linhagem genealógica do biografado no intuito de apontar seus primeiros contatos com o amor livre e com as causas populares. Nascido numa família tradicional do sertão baiano, Castro Alves poderia ter seguido por um modelo convencional de vida, contudo optou pela liberdade no amor e pela liberdade política e social dos homens. Nascido em 1847, durante o segundo reinado do Império brasileiro, a “primeira lição” da liberdade no amor vivenciada pelo poeta foi a história trágica de sua tia Pórcia com o sertanejo Leolino, em que sua jovem tia foge com um homem casado enfrentando a família, os preconceitos da época, e tendo posteriormente seu filho e o amante mortos pela própria família que a retoma à força. No plano político, o biógrafo afirma que o avô do poeta, Silva Castro, teria tomado parte na campanha de independência do Brasil na cidade de Cachoeira na região do Recôncavo Baiano, todavia seu principal exemplo libertário na infância foi o tio paterno João José Alves, um alferes de princípios liberais que se envolvia com as camadas populares fazendo agitação política. Elaborando uma representação do tio do poeta, Amado descreve:

*Armava arruaças, meetings, motins, chefiando o povo descontente, açulando a massa que o seguia, que fêz dêle o mais popular caudilho da época [...]. Êle era da ação, da revolta, do levante popular, do povo marchando com as armas que encontrasse. E quando não tinha quem o seguisse ia sozinho, êle valia por muitos, não tinha mesmo mêdo de nada (AMADO, 1971: 47).*

Jorge Amado sempre joga com a dubiedade no transcorrer da escrita da biografia, apontando que o poeta sempre optava pelo exemplo ou modelo mais libertador para seguir sua vida. Diferente do seu tio, homem livre e agitador, seu pai era um homem disciplinado, de negócios e afastado das causas populares; o mesmo se dava com seu irmão mais velho, que também era poeta, mas sendo cético e triste, sem o brilho da busca pelo amor livre e pelo compromisso político com o povo.

Mudando-se para a capital baiana, Jorge Amado expõe que a antiga cidade colonial serviu de palco para potencializar as imaginações do infante. O novo casarão residencial da família Castro era marcado pelo assassinato da bela Júlia Feital, uma jovem que desejava viver livremente seus diversos amores, sendo alvejada por João Lisboa que a amava de forma

possessiva. Para Amado, a história da jovem narrada pelo libertário tio João José, marcou a memória afetiva do pequeno Castro Alves: “Júlia Feital povoou os sonhos de Castro Alves menino, foi a primeira namorada da sua infância, exerceu sobre êle o prestígio da tragédia passional” (AMADO, 1971: 47). Por outro lado, foi da boca da sua ama de leite, a mestiça e mucama Leopoldina, que o futuro poeta ouve as primeiras histórias e casos do perverso mundo da escravidão brasileira, sendo dela também a origem de seu apelido de infância, Secéu (AMADO, 1971: 41). Seus estudos na Bahia de Todos-os-Santos resguardará as devidas mediações na formação literária e política do poeta, enquanto estudante do colégio do liberal Abílio César Borges, que aboliu a palmatória e demais castigos físicos, o jovem escreverá os seus primeiros poemas e estudará o francês para ler os escritos de Victor Hugo e do poeta Charles Baudelaire. Para Amado, nesse colégio que também havia passado o romancista Raul Pompéia e o jurista Ruy Barbosa, o francês foi vital na sua formação, pois: “Em Hugo êle aprendeu o valor de certas palavras e de certos sentimentos” (AMADO, 1971: 82). Enquanto estudante interno do colégio, durante as noites de solidão, ouvirá os atabaques das macumbas em tempos de escravidão e de repressão às religiões afro-brasileiras, sonoridade que aliada à escrita compromissada de Victor Hugo, nascerá, segundo o biógrafo, os sonhos e o espírito libertador do futuro poeta do povo.

*Grito chamando na noite da cidade, a voz dos atabaques foi ouvida por Castro Alves. Nunca teve, como os demais colegas, medo daquele soar de ritmos africanos. Se sentia como um deles. Em Hugo já aprendera os significados de liberdade, soube pela voz dos atabaques que havia um povo a libertar (AMADO, 1971: 85).*

Semelhante à trajetória de vida reivindicada pelo próprio Jorge Amado em suas memórias, de início de vida literária e de contato com o povo advindas da cidade da Bahia, a formação inicial de Castro Alves também se deu pelo universo mágico da primeira capital mestiça dos brasileiros. Contudo, o amadurecimento literário, a descoberta do verdadeiro amor e a potencialização enquanto poeta das causas populares, só ocorrerão nas libertárias terras de Pernambuco. Amado liricamente coloca que a cidade de Recife exercia, naquela segunda metade do século XIX, “uma estranha sedução sobre a inteligência livre do Brasil e para ela se dirigem todos” e, que nas terras da lendária Confederação do Equador e da Revolução Praieira onde “se encharcava de Revolução Francesa” (AMADO, 1971: 90-94), era a paragem propícia para as agitações em torno da libertação dos escravos e para o

alvorecer da futura República. Na faculdade de Direito, nas ruas, praças e teatros de Recife, Castro Alves soltará seus versos em prol de uma nova sociedade, se tornará uma referência aos estudantes, intelectuais, abolicionistas e republicanos. Na capital dos grandes homens de engenhos, o jovem poeta terá um romance com a bela Idalina, mas se apaixonará perdidamente pela poetiza e atriz portuguesa Eugênia Câmara.

O amor por Eugênia Câmara é apontado como a interligação de sua poesia compromissada com o teatro. A atuação da atriz nos palcos significava a presença dos versos do poeta com sua voz vinda do camarote, assim como a polarização de declamações entre o próprio Castro Alves e o também poeta e estudante da Faculdade de Direito, Tobias Barreto. Pelo seu amor com a atriz, no intuito que ela não fosse embora seguindo sua companhia teatral, o poeta chega a compor a peça *Gonzaga* para tê-la ao seu lado, obra que narra o caso da Conjuração Mineira. Segundo o biógrafo: “Castro Alves amou a Inconfidência Mineira como talvez a nenhum outro fato do passado político do Brasil [...]. Aproveita dela e dos seus companheiros de conspiração para fazer a sua obra teatral” (AMADO, 1971: 192). Com sua poesia e sua amada apresentando a peça, Castro Alves passa temporadas em Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo.

No Rio de Janeiro, Castro Alves teve contato com a intelectualidade da capital, dentre elas, as dos dois principais romancistas brasileiros do século XIX, José de Alencar e Machado de Assis, arrancando elogios que repercutiram na imprensa local<sup>4</sup>. Em São Paulo, a visibilidade será maior no transcorrer da narrativa biográfica como também nas mediações sociais do poeta. Amado expressa que, se em Recife transpirava os ideais iluministas da Revolução Francesa, em São Paulo dos grandes poetas da época, Álvares de Azevedo e Fagundes Varela, com seus estudantes de Direito, efervesciam a boemia descompromissada, o desregramento da vida e o status do suicídio durante a juventude.

---

<sup>4</sup> No jogo da polarização feita pelo biógrafo – no intuito de sensibilizar o compromisso político dos integrantes do campo literário –, enquanto José de Alencar estava mais próximo de Castro Alves a desvendar a alma do povo brasileiro com seus romances indigenistas, Machado de Assis é visto como “medroso” e “covarde” devido a sua pretensa neutralidade. Para Amado: “Nenhum homem dos grandes da nossa pátria em qualquer terreno nos dá tamanha impressão de medrosa neutralidade como o romancista carioca” (AMADO, 1971: 213). Machado de Assis como mulato oriundo das camadas populares, se aproximava, segundo Amado, do também mulato e poeta Tobias Barreto, que não se vinculava às demandas da sociedade e, sim, aos seus interesses particulares no intuito de ascender socialmente. “Tobias lutava para subir, para conquistar um lugar. Castro Alves lutava para que os outros, milhares de desgraçados que nem tinham nome, subissem e conquistassem um lugar eles também. Vindo do povo Tobias, nunca quis voltar os olhos para o drama da escravidão, jamais quis sonhar loucos sonhos para o futuro” (AMADO, 1971: 112).

Entre a Bahia e o Recife politizados, que crescem o sentimento abolicionista e republicano e formam o caráter de Castro Alves, São Paulo é descrita como uma cidade em ascensão econômica e social, que detém bons poetas e estudantes, uma “geração romântica” que quase não “tomou contacto com as realidades de sua terra, que viveu num mundo de sonho, fêz, em determinado momento, da Faculdade de São Paulo a mais ilustre das ‘torres de cristal do país’” (AMADO, 1971: 223).

Nota-se a construção de uma polarização entre os intelectuais do Nordeste e do Sul, que Amado utiliza-se do exemplo do passado, para provocar o círculo intelectual paulista no tempo presente e, em especial, os antigos integrantes do movimento modernista que promoveram a Semana de 1922<sup>5</sup>, convocando-os para o compromisso político contra a guerra imperialista, o avanço fascista e a ditadura vivida no Brasil.

Numa relação fraternal com os principais escritores e estudantes paulistas, o poeta dos escravos será bem acolhido em sua nova parada e, segundo Amado, aprofundará sua atuação intelectual e política, com a escrita dos seus grandes poemas “As vozes d’África” e o “O navio negreiro”: “em São Paulo, ao calor da simpatia com que a cidade o cerca, Castro Alves escreverá o melhor da sua obra abolicionista e republicana” (AMADO, 1971: 224). Com o apoio do cearense Joaquim Nabuco e do baiano Rui Barbosa, na época estudantes de Direito em São Paulo, Castro Alves promoveu, na visão do biógrafo, uma ebulição política na localidade com sua presença a saraus, peças teatrais, tabernas e comícios. Ao levar sua poesia: “O clima intelectual de São Paulo se renova, se agita. O poeta Castro Alves trouxe para as discussões dos estudantes e para as conversas entre homens e mulheres a abolição e a

---

<sup>5</sup> A prática comparativa entre os intelectuais do Nordeste com os do Sul, especialmente os de São Paulo não é fortuita, e sim tática, perante a política de interesses do biógrafo e do campo comunista que mediavam a produção da obra. Se os grandes poetas paulistas da metade do século XIX, acolheram bem o poeta das causas populares, Amado denuncia que o mesmo não se dava com a grande figura do movimento modernista paulista dos anos de 1920, o escritor Mario de Andrade, que naqueles anos de 1930 e início de 1940, atuava como funcionário público do Governo Vargas. Segundo o biógrafo: “A pouca simpatia de Mário de Andrade por Castro Alves creio que não vem só de ter sido o poeta um homem próximo da realidade. Creio que provém realmente do baiano ter sido um poeta social. É uma coisa perigosa, um mau exemplo. Os artistas puros bem que não de preferir sempre os mistérios psicológicos às realidades da vida e da natureza. A eles falta exatamente a coragem que Castro Alves tinha de se colocar cara a cara com a vida, vive-la e transformá-la em obra de arte. Castro Alves é da rosa viva e bela abrindo ao sol na roseira. Os outros são rosa artificial, de papel, feita pelas mãos de ‘artista’ de uma senhora qualquer, sua amiga. ‘Tão artística, meu Deus, que parece verdadeira. Esses estetas...’” (AMADO, 1971: 71). Após o Brasil romper relações com a Alemanha, Mario de Andrade afasta-se do Governo Vargas e passa a ser um defensor do fim do Estado Novo, como também a se opor as perseguições e censuras aos intelectuais, nesse sentido, acreditamos na hipótese que o poema “Epigrama do poeta modernista”, de Jorge Amado, faça alusão a Mário de Andrade e aos seus demais seguidores e simpatizantes modernistas.

república” (AMADO, 1971: 234). Sobre as migrações do poeta e a significância delas em sua trajetória, Amado sintetiza que:

*Três cidades marcam a sua vida, entre tôdas em que andou [...]. A Bahia que lhe dá o conhecimento da liberdade e do amor, Recife que faz dêle o tributo do povo, que burila seu gênio, que lhe oferece os motivos das grandes inspirações, São Paulo para onde êle leva as palavras da República e da Abolição e onde há de escrever alguns dos seus maiores poemas libertários (AMADO, 1971: 93).*

Se na região Sul ocorre a consolidação da sua consagração literária e social, por outro lado, o biógrafo aponta que no plano afetivo será o seu grande momento de agonia com o findar do relacionamento com Eugênia. A perda da amada empurra o poeta libertário para a boemia e a desolação. “Num dia [Castro Alves] soube do outro. Disse-lhe e ela, incapaz de tudo de poder assistir o sofrimento dêle, mandou que êle partisse de sua casa. E êle partiu para morte” (AMADO, 1971: 253). Ciúmes, brigas escandalosas, traições e falta de compreensão de Eugênia Câmara frente às responsabilidades do poeta perante as demandas do povo, levam, segundo o biógrafo, a separação definitiva<sup>6</sup>. Para Amado é a ausência do amor da atriz que empurra o poeta gradativamente para morte. A tuberculose que já corroía os pulmões de Castro Alves desde os tempos da Bahia se potencializou e, um tiro dado no pé acidentalmente numa caçada em São Paulo, piora seu estado de saúde. Tendo o pé amputado no Rio de Janeiro, o poeta retorna ao sertão baiano e por fim falece em Salvador, contudo o declínio da saúde não significou o fim das suas paixões. Maria Cândida Garcez, Eulália Filgueiras, Leonídia Fraga e Agnese Trinci Murri, servirão de inspiração para sua escrita, assim como os poemas abolicionistas e republicanos de cunho romanesco, como a dolorosa história poética dos escravos Maria e Lucas que não tiveram nem o direito de se amar (AMADO, 1971: 286-288). Apesar da representação do lirismo da tragédia passional do poeta, assim como do seu perfil “Don Ruan”, com sua cabeleira negra e sua cor pálida devido à tuberculose, a força da prosa biográfica amadiana se consiste no caráter engajado e exemplar de Castro Alves, peculiaridade que é constantemente frisada no transcorrer do texto.

---

<sup>6</sup> Este conceito esboçado por Jorge Amado – que também se encontra na biografia de Luiz Carlos Prestes –, em que as esposas de homens libertadores (poetas, literários, revolucionários e demais homens públicos) devem “compreender” e apoiar as lutas dos seus maridos, não responsabilizando-os da ausência e dos momentos tortuosos que possam passar o casal, provavelmente ele queria transportar para a sua vida pessoal perante a primeira esposa. Encaminhando-se para o exílio e posteriormente vivendo com uma amante – ou nova esposa – em Buenos Aires. Diferente das outras obras dos anos de 1930, Amado não dedicou as biografias de 1941 e 1942 a sua primeira esposa Matilde Garcia.

### ***A crítica e o alinhamento com o campo comunista***

Naqueles anos de incerteza para o campo intelectual, a representação de Castro Alves é apontada como uma postura exemplar, a serviço das questões populares. Jorge Amado com a escrita da biografia continua sua luta por uma literatura compromissada, em oposição a concepção de “arte pela arte”<sup>7</sup>, defendendo que a produção artística tenha função perante a sociedade. Nesse sentido, Castro Alves era:

*Poeta, agitador e caudilho, êle honra no Brasil a palavra política não só por ter sido conscientemente um intelectual político, a serviço das causas populares, como por ter sido mais puro dos políticos. Ainda aí, amiga, êle nos aparece como a melhor imagem do povo dentre quantas possuímos: nobre, corajoso, ardente e desinteressado (AMADO, 1971: 171).*

Se no século XIX as questões que agonizam o povo brasileiro eram a escravidão negra e a ausência democrática com o Estado monárquico, naqueles anos de guerra no século XX o temor era o avanço imperialista-fascista, a ditadura e a consolidação da aproximação do Brasil de Getúlio Vargas com as potências fascistas, fatos que, conseqüentemente, aprofundariam o ataque à autonomia dos intelectuais. Consciente que muitos intelectuais contribuíam com a ditadura do Estado Novo e que muitos preferiam o silêncio para evitar a repressão e a censura, Amado não os poupou das críticas, retirando-lhes até a condição de serem plenos artistas:

*Êsses que tomam partido contra o povo e vão ajudar seus carrascos, perdem a sua condição artistas porque é condição essencial da arte servir ao escravo contra o senhor. E aqueles que fogem e preferem fechar os olhos para o espetáculo da luta do mundo, são igualmente repugnantes por mais belos que possam parecer (AMADO, 1971:131).*

Contudo, aqueles que seguem o exemplo de Castro Alves são:

---

<sup>7</sup> Em uma nota de rodapé Amado ataca de forma contundente os artistas que defendem a “arte pela arte” como uma pretensa neutralidade, nota-se que implicitamente sua crítica se destinava ao silêncio ou cooptação política ocorrida com alguns intelectuais ligados ao modernismo: “Ainda agora estamos a assistir um bravo movimento de grande parte dos nossos intelectuais pela ‘neutralidade na arte’. Críticos existiram que tiveram como única missão da sua crítica pregar um esteticismo vazio, a superioridade da forma sobre o conteúdo, a fuga a todos os problemas humanos imediatos. Homens antes que tudo oportunistas e comodista. Donos de importantes posições intelectuais e com um passado com certa tradição, cantaram de tôdas as maneiras as novas gerações para uma cômoda posição de espectadores. E temos que confessar que obtiveram algum sucesso. Se não perante as gerações que estão surgindo, pelo menos diante de muitos daqueles que tinham vindo de uma arte social e que, naturalmente, acharam a caminhada demasiadamente pesada para suas fôrças. Também a mesa farta tem as suas seduções” (AMADO, 1971: 131-132).

*[...] fortes como as mais fortes árvores da floresta. Êstes enxergam o povo das ruas, seus dramas, seus sofrimentos. E dão forma e beleza a êsses dramas e a êsses sofrimentos. E clamam por vingança, e vão na frente do povo, e ao povo levantarão. Êsses são totalmente artistas, que ser artista não é castrar a sua força, é possuí-la em toda a sua plenitude. Êsses são 'a estrêla de luz que os povos guia' (AMADO, 1971:131-132).*

Dentre alguns dirigentes do campo comunista a biografia de Castro Alves referendava o alinhamento de Jorge Amado com o Partido, sendo merecedora de elogios e vista como ferramenta literária num apelo aos intelectuais para (re) construir/compor uma frente antifascista com demais setores populares. Num período em que a crítica literária à produção amadiana é reduzida devida a censura<sup>8</sup>, destaca-se a consideração feita pelo militante argentino Rodolfo Ghioldi<sup>9</sup> – que havia participado da organização dos levantes armados de 1935 no Brasil –, na imprensa de Buenos Aires. Para Ghioldi (1961), Jorge Amado reabilitou e restituiu a autenticidade da poesia social de Castro Alves, como também produziu um balanço histórico entre o passado e o presente do povo brasileiro, sem limitações ou reducionismos como as obras de Gilberto Freyre – que tratava a escravidão negra como “doce, paternal e carinhosa” – e de Stefan Zweig – que via a escravatura brasileira como uma simples “mancha moral”.

Numa obra que “conserva toda la frescura revolucionaria del poeta”, que “no se conduce; incita a la revuelta. No llora; llama a la lucha” (GHIOLDI, 1961, p. 161), o militante argentino transpassa o elogio ao biografado no intuito de engrandecer o biógrafo e criticar o perfil fascista do governo de Getúlio Vargas, que limitava a produção intelectual brasileira através do DIP:

*El lector hallará em estas páginas el soplo lírico a que ya lo habituó la noveva de Jorge Amado.  
Y encontrará, también, la valentía habitual del escritor. El lector no brasileño no debe olvidar que el libro ha sido escrito después de cinco difíciles años de ditadura, cuyos beneficios carcelarios conoció por intermitencias Jorge Amado, y bajo las condiciones de una gestapista Ley de la Literatura. No ha habido azar, certamente,*

<sup>8</sup> No mapeamento feito pela Editora Martins, no livro *Jorge Amado: 30 anos de literatura*, em 1961, as considerações de Alceu Marinho Rêgo na revista *Diretrizes*, Raul S. Xavier em *O Debate* e Pinheiro de Lemos, em *O Globo*, estão entre as poucas análises realizadas sobre a obra *ABC de Castro Alves* na imprensa escrita brasileira.

<sup>9</sup> Preso juntamente com sua esposa após os levantes de 1935 no Brasil, Ghioldi ficou detido até 1940 na Ilha de Fernando de Noronha, regressando posteriormente para Argentina. Nota-se nos escritos de Jorge Amado, uma profunda simpatia dos dirigentes comunistas brasileiros com Ghioldi, incluindo a do próprio escritor, peculiaridade evidenciada na biografia de Prestes.

*en la elección del asunto: el canto a la libertad em torno de la obra de Castro Alves conserva rigurosa actualidad. Más urgente, tal vez, porque em la época de Castro Alves no había la fiscalización administrativa y fascista de la poesía. Así, la loa a Castro Alves adquiere, por império de las condiciones presentes de su país, el sentido de un llamamiento al pueblo contra la tiranía. No admiran, entonces, ni la rápida difusión de este libro, ni la rabiosa reacción de los “críticos” del D.I.P (GHIOLDI, 1961: 163).*

A análise mais densa de *ABC de Castro Alves* foi um ensaio feito por Ivan Pedro de Martins, sendo o resultado de uma troca de correspondência entre Martins e o próprio Amado, do qual o texto tinha a promessa do biógrafo de ser publicado, fato que não se consumou<sup>10</sup>. Martins tinha sido secretário de propaganda da ANL e naqueles anos pós-levantes armados, se movimentava entre o interior do Rio Grande do Sul e Montevideú, facilitando a troca de correspondências e informações entre exilados no Cone Sul americanos e militantes do campo comunista em território nacional<sup>11</sup>. Num ensaio de nove laudas, em sua introdução, Martins já sentencia que a biografia do poeta dos escravos é o mais importante livro brasileiro das duas últimas décadas e que representava uma ascendente maturação do romancista baiano, colocando-o como “irmão e herdeiro de Castro Alves”, seja no plano da grandeza literária como no âmbito do compromisso político com o Brasil e seu povo.

Martins, seguindo a linha política do Partido e do próprio Amado, não fica restrito à análise da obra, retoma o período de efervescência política da ANL, a derrota armada e as consequências dos anos de repressão. Avalia que até 1935, havia uma ascensão da esquerda antifascista, que atraía intelectuais para temas mais próximos ao povo, contudo: “A revolução foi vencida, o terror sucedeu à onda popular, aos clarões da esperança de liberdade se sucederam às noites negras de tortura, do assassinato, da mentira, do terror vandálico de 36 e 37. E também mudaram os escritores” (MARTINS, 1941: 02). Citando nomes, coloca que intelectuais como Gilberto Freyre e Carlos Lacerda, como também os romancistas José Lins do Rego e Rachel de Queiroz, preferiram “escapar á fúria terrorista e guardar sua posição privilegiada de intelectual. Não usaram de outra máxima que a de ‘vão-se os aneis, mas fiquem os dedos’, os desgraçados!” (MARTINS, 1941: 03). Por outro lado, não poupou

<sup>10</sup> O ensaio crítico datiloscrito de Ivan Pedro de Martins sobre a biografia de Castro Alves, assim como a correspondência trocada com Jorge Amado em seus anos de exílio entre 1941 e 1942, estão no arquivo do núcleo Literatura e Memória (nuLIME) da UFSC, em Florianópolis-SC.

<sup>11</sup> A pesquisadora Aline Rullian G. Woloski (2016), nos coloca que Martins no final dos anos do Estado Novo, devido ao seu contato com a região rio-grandense – apesar de ser mineiro – adentrou ao universo romanesco, escrevendo a trilogia da “campanha”: *Fronteira agreste, Caminhos do sul e Casas acolheradas*.

críticas àqueles que contribuíam com a ditadura varguista, produzindo uma literatura que não servia ao povo brasileiro:

*Si folhearmos catálogos das livrarias brasileiras nos encontraremos com uma verdadeira avalanche de cretinismo estylizado, de falsa poesia, de morbidez sensual, de vazio creador como nunca houve no nosso meio intelectual. Floresce no Brasil uma typica literatura de decadência, desregrada e covarde, incapaz de superação. Ella é o signal dos tempos. Por isso o livro de Jorge é maior, elle vae de lança em riste contra todos os covardes, não contantes com o bom senso commodista de Sachos Pança que adaptaram o multifrontismo de tartufos. Vale a pena confrontar qualquer livro de um escritor do regimem com o ABC, o comentário se torna inútil, há um abysmo entre os dois (MARTINS, 1941: 08).*

Diferente do setor majoritário do campo literário brasileiro, Martins aponta que Amado não preferiu o silêncio, a cooptação em prol do regime e muito menos a “arte pela arte” sob uma pretensa neutralidade, o romancista baiano de fato tornara-se um discípulo de Castro Alves, optando por estar ao lado do povo e das suas nobres causas. Além disso, o ensaísta visualizava que durante aqueles anos de ditadura, Amado evoluiu sua prática literária e, que sua “decência” intelectual e política, promovendo-o à condição de modelo exemplar aos jovens intelectuais, uma espécie de novo líder para a nova geração de escritores.

Na prática, Martins chama a responsabilidade para Amado assumir a condição de figura pública do campo comunista no meio intelectual. Nesse sentido, os elogios vieram acoplados a uma série de “recomendações” literárias e políticas. A principal é o trabalho dialético do artista, que deve “pôr ao alcance do povo os conhecimentos que são de elite e aprender do povo sua immensa experiencia millenária”<sup>12</sup> (MARTINS, 1941: 03), prática que segundo o ensaísta, Amado já vinha evoluindo a contento nos últimos anos; não substituir a noção de raças ou povos – brancos *versus* negros, por exemplo – pelo sentido da “luta de classes” (MARTINS, 1941: 06); utilizar-se da história, da economia e da própria luta de classes para representar os contextos por onde passam as tramas (MARTINS, 1941: 06). Das indicações de Martins, a crítica ao apelo excessivo da sensualidade e da sexualidade é a mais combatida, sendo que as referências das paixões desenfreadas de Castro Alves na biografia chegam a sugerir a defesa de Amado pelo “amor livre”, sem regras morais.

---

<sup>12</sup> Nota-se que no início dos anos de 1940, apesar de visualizar as artes como ferramenta pedagógica para a ação política, os princípios do “realismo socialista” ainda não estavam inseridos na concepção dos intelectuais do campo comunista brasileiro.

*[...] você exagera a nota com relação a essa rebeldia e a leva para o terreno perigoso do 'amor livre' [...]. Esse é um dos pontos negativos do seu trabalho, pois o livro contém contradições grandes nesse terreno, por exemplo quando contrapõe a necessidade de uma amada, da que vem e a gente sabe que é 'ela que se amou e desejou em todas as mulheres' e esse desejo de romper com tudo e parit sozinho contra todos. Há algo de tendência anárquica, comum ao campo intelectual, em suas apreciações sobre o amor, o que faz com que às vezes esse seu sensualismo humano e viril se transforme quase num sexualismo intencional 'a la' Laurence (MARTINS, 1941: 04).*

*A concepção e da inexistência de lei são laivos tipicamente anarquistas<sup>13</sup> (MARTINS, 1941: 05).*

*Essa tendência ainda existe no seu livro, mas não deve aparecer no futuro, pois é um passo atrás (no sentido social) com relação às conquistas políticas e literárias de nosso tempo. Agora que o anarquismo como tendência foi superado na prática não devemos injectar-lhe seiva nova (MARTINS, 1941: 05).*

Nota-se o evidente intuito de Martins em disciplinar o conteúdo e a forma da futura produção literária de Amado. “Orientações” que surtem efeito nas próximas produções romanescas, com a redução drástica das representações sensuais após a obra *Seara Vermelha* e com o constante uso dos contextos históricos, políticos, sociais – no sentido classista – e econômicos na estruturação dos romances que vão de 1943 até 1954. Em síntese, a obra *ABC de Castro Alves*, assim como as mediações feitas no período do exílio e contato com Martins são partes da transição da condição de escritor engajado de esquerda, para o escritor militante das fileiras do campo comunista.

## REFERÊNCIAS:

AMADO, Jorge. **O Cavaleiro da Esperança**: vida de Luiz Carlos Prestes. Rio de Janeiro: Record, 1987.

\_\_\_\_\_. **ABC de Castro Alves**. São Paulo: Martins, 1971.

BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla B. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 203-233.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M.; AMADO, Janaina. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p. 183-191.

<sup>13</sup> Para desclassificar essa “tendência”, Martins utilizou-se do exemplo de Rachel de Queiroz que caía em “descrédito” no meio intelectual, como também da revolucionária e escritora russa Alexandra Kollontai que sofria com os expurgos do stalinismo. Por outro lado, ironicamente, o primeiro livro de Martins, *Fronteira Agreste* (1944), foi censurado pelo Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP) do Rio Grande do Sul – variante local do DIP – com acusações de conteúdo pornográfico, fato denunciado por Jorge Amado como censura política nas crônicas “Cultura e democracia” (04/02/1944) e “Em defesa da Cultura” (02/03/1944), em sua coluna a “Hora da Guerra” no jornal *O Imparcial*.

BRANDÃO, Otávio. O putsch fascista-integralista e a situação atual no Brasil (1938) [*La Correspondance Internationale*, nº 31, 1938]. In: CARONE, Edgard. **O PCB – 1922 a 1943**. v. 1. São Paulo: DIFEL, 1982. p. 212-215.

DIAS, Maria Heloísa Martins. Canto de amor e liberdade em ABC de Castro Alves. **Cultura Crí-ti-ca**. Revista cultural da APROPUC-SP, São Paulo, n.15, p.66-72, 2013.

GAY, Peter. **O coração desvelado**: a experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GHIOLDI, Rodolfo. Um livro notable de Jorge Amado. In: MARTINS, José de Barros. **Jorge Amado**: 30 anos de literatura. São Paulo: Martins, 1961. p. 158-163.

MARTINS, Ivan Pedro de. **ABC de Castro Alves de Jorge Amado**. Montevideu – Uruguai (texto datiloscrito), 07 abr. de 1941, 09 f.

MONTEIRO, P. Por uma frente única democrática brasileira (1938) [*La Correspondance Internationale*, nº 41, 1938]. **O PCB – 1922 a 1943**. v. 1. DIFEL, p. 218-220, 1982.

PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL. **Ao povo brasileiro**. Manifesto sobre o Dia do Trabalhador e sobre a Segunda Guerra. Bureau político do PCB, abr. 1940.

WOLOSKI, Aline Rullian Germann. Jorge Amado e Ivan Pedro de Martins: aparas de uma história apagada. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, v. 01, nº 151, p. 135-147, jan./jun. 2016.